

COLÉGIO PEDRO II

Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e
Cultura

Especialização Saberes e Fazeres no Ensino de Artes Visuais

Meg da Silveira Rocha

**APROPRIAÇÕES E APRECIÇÕES PARA UM
CADERNO DE ARTISTA: O AFROFUTURISMO COMO
POTÊNCIA DIDÁTICA**

Rio de Janeiro

2025



Meg da Silveira Rocha

**APROPRIAÇÕES E APRECIÇÕES PARA UM CADERNO DE ARTISTA:
O AFROFUTURISMO COMO POTÊNCIA DIDÁTICA**

Trabalho de Conclusão de Curso de Especialização apresentada ao Programa de Especialização Saberes e Fazeres no Ensino de Artes Visuais, vinculado à Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e Cultura do Colégio Pedro II, como requisito parcial para obtenção do título de Especialista em Ensino de Artes Visuais.

Orientador(a): Prof. Dr. Marcelino Euzebio Rodrigues

Rio de Janeiro

2025

COLÉGIO PEDRO II

PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO, PESQUISA, EXTENSÃO E CULTURA

BIBLIOTECA PROFESSORA SILVIA BECHER

CATALOGAÇÃO NA FONTE

R672 Rocha, Meg da Silveira

Apropriações e apreciações para um caderno de artista : o afrofuturismo como potência didática / Meg da Silveira Rocha. - Rio de Janeiro, 2025.

32 f.

Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Saberes e Fazeres no Ensino de Artes Visuais) – Colégio Pedro II, Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e Cultura.

Orientador: Marcelino Euzebio Rodrigues.

1. Artes visuais - Estudo e ensino. 2. Caderno de artista. 3. Afrofuturismo. 4. Colagem. 5. Recursos didáticos. I. Rodrigues, Marcelino Euzebio. II. Colégio Pedro II. III Título.

CDD 707

Ficha catalográfica elaborada pela Bibliotecária Simone Alves – CRB7 5692.

Meg da Silveira Rocha

**APROPRIAÇÕES E APRECIÇÕES PARA UM CADERNO DE ARTISTA:
O AFROFUTURISMO COMO POTÊNCIA DIDÁTICA**

Trabalho de conclusão de Curso de Especialização apresentada ao Programa de Especialização Saberes e Fazeres no Ensino de Ensino de Artes Visuais, vinculado à Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e Cultura do Colégio Pedro II, como requisito parcial para obtenção do título de Especialista em Educação de Artes Visuais.

Aprovado em: 16 /08/2025.

Banca Examinadora:

Dr. Marcelino Euzebio Rodrigues - Orientador

SFEAV/CPII

Dr^a Sirlene Ribeiro Alves – Membro externo

DAV/CPII

Dr^a Analu Stefen – Membro interno

SFEAV/CPII

Rio de Janeiro

2025

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, agradeço a Deus e aos meus guias espirituais por me permitirem poder viver tudo o que um dia já foi sonho.

Agradeço também a todos os meus professores da pós-graduação por me ensinarem e me permitirem viver as diversas experiências e ensinamentos que levo para meu trabalho e para minha vida. Em especial, à professora Analu, por ter me acompanhando em diversas fases importantes para minha formação e por sempre ter uma palavra de incentivo, apoio e aconchego nos dias turbulentos.

Ao professor e coordenador Edvandro, por ter sido compreensível, sempre pensando na melhor forma de fazer a pós-graduação acontecer, um porto seguro nos momentos de angústia e surto

Ao meu orientador Marcelino, por ter me ajudado a encontrar o caminho, incentivar e me apoiar em cada lauda escrita.

Agradeço aos meus pais, que plantaram em mim o desejo de seguir o magistério e me inscreveram no sorteio do Colégio Pedro II e me acompanharam em toda formação até os dias de hoje com a pós-graduação.

Aos amigos da minha vida que vibraram e torceram por essa conquista, em especial à Thaís, que me ajudou em detalhes a construir minhas ideias e acompanhou de perto minhas dúvidas e anseios sobre o trabalho.

Ao querido Raphael Elias, amigo, artista, que me apresentou a temática do afrofuturismo, me encorajando a trabalhar com meus alunos jovens e periféricos, resultando em um trabalho de acolhimento, cuidado e empoderamento.

Por fim, agradeço aos meus amigos da pós-graduação, que dividiram essa jornada tensa, cheia de dúvidas, mas muito feliz e intensa. Que possamos nos encontrar e brindar muitas conquistas a partir daqui.

RESUMO

ROCHA, Meg da Silveira. **Apropriação e apreciações para um caderno de artista: O Afrofuturismo como potência didática.**

Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização) – Colégio Pedro II, Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e Cultura, Programa de Especialização em Educação Matemática, Rio de Janeiro, 2025.

Este trabalho apresenta a construção de um caderno de artista, visualizando o Afrofuturismo como uma ferramenta didática potente para o ensino de artes. A autora, uma professora que atua na rede pública da Baixada Fluminense, reflete sobre uma arte acessível e relevante para crianças periféricas, questionando a predominância de obras eurocêntricas no currículo. O texto aborda a importância da representatividade, buscando formas de engajar os alunos e promover a identificação com a disciplina através de discussões sobre cultura afro, resistência e artistas negros. A pesquisa destaca a trajetória da autora, que, ao retornar aos estudos na pós-graduação no Colégio Pedro II, redescobriu seu propósito na educação, a paixão pelas artes e pelo Afrofuturismo. A técnica principal escolhida para a criação do caderno de artista, foi a colagem, por permitir a reinvenção e a ressignificação de imagens já existentes. Cada colagem é acompanhada de uma reflexão sobre como essas experiências influenciaram a perspectiva da autora, reforçando a necessidade de valorizar a arte periférica e as raízes culturais brasileiras, que muitas vezes são invisibilizadas por uma perspectiva eurocêntrica.

Palavras-chave: Caderno de artista; Ensino de Artes Visuais; Afrofuturismo.

ABSTRACT

ROCHA, Meg da Silveira. **Appropriation and Appreciations for an Artist's Notebook: Afrofuturism as a Didactic Potential.**

Course Completion Work (Specialization) – Colégio Pedro II, Office of Graduate Studies, Research, Extension, and Culture, Specialization Program in Mathematics Education, Rio de Janeiro, 2025.

This work presents the creation of an artist's notebook, visualizing Afrofuturism as a powerful teaching tool for arts education. The author, a public school teacher in Baixada Fluminense, reflects on accessible and relevant art for children from peripheral areas, questioning the predominance of Eurocentric works in the curriculum. The text addresses the importance of representation, seeking ways to engage students and foster identification with the subject through discussions about Afro culture, resistance, and Black artists. The research highlights the author's journey, who, upon returning to graduate school at Colégio Pedro II, rediscovered her purpose in education—her passion for the arts and Afrofuturism. The main technique chosen for creating the artist's notebook was collage, as it allows for the reinvention and resignification of existing images. Each collage is accompanied by a reflection on how these experiences influenced the author's perspective, reinforcing the need to value peripheral art and Brazilian cultural roots, which are often made invisible by a Eurocentric perspective.

Keywords: Artist's notebook; Visual Arts Education; Afrofuturism.

SUMÁRIO

1 HOMENAGENS E AFETOS	9
2 APROPRIAÇÕES ESTÉTICAS.....	12
3 APRECIANDO O CAMINHO E O CAMINHAR	18
4 EXPERIMENTAÇÕES PARA UM FUTURO MELHOR	26
5 CONSIDERAÇÕES PARA O FUTURO.....	30
REFERÊNCIAS	31

1 HOMENAGENS E AFETOS

Começo esse trabalho citando duas pessoas que influenciaram e me levaram a conhecer a arte sob outra ótica, mudando minha percepção e compreensão sobre a presença negra na Arte. A primeira foi Raphael Elias que conheci em 2014, em uma disciplina da faculdade sobre caracterização. Meu primeiro contato com Rapha (assim que o chamo) foi uma ligação imediata. Rapha é uma energia solar afetiva única, que dominou minha vida, a dos meus amigos e meus familiares. Trazia sempre referências de artistas negros e revolucionários, tanto nas artes como na música. Passava horas tocando, cantando e explicando as letras, os movimentos e a importância das referências que ele trazia com ele para construir o artista que ele já era.

Um menino que veio do interior de Minas Gerais com sonhos gigantescos e projetos fabulosos para a construção do artista Raphael Elias e junto dele, consegui acompanhar muitas conquistas e vitórias.

Durante a pandemia, eu resolvi fazer lives abordando temas para debates com meus alunos e o Rapha sugeriu Afrofuturismo, o que me deixou fascinada, não só por ter cativado aqueles adolescentes que estavam on-line, mas também pela importância e força da temática mais que necessária para atualidade. Hoje ele é um artista, preto, consolidado e múltiplo. É ator, cantor, artista plástico, performer, que também representou Djavan no Musical *Djavan, vidas para contar*. A figura do Djavan é emblemática e de suma importância para vários músicos e artistas, a sua história acaba se difundindo com todos aqueles que têm sua arte como sonho de trabalho e que, mesmo com adversidades e falta de credibilidade, não desistiram de suas carreiras.

Rapha sempre foi inspirador, mas hoje sua arte e talento tem um alcance gigante e o faz inspiração para tantos jovens que entendem a importância e a potência de um artista negro, por ser protagonista e destaque na TV, na rádio, nos podcasts e jornais. Início esse texto com uma coletânea de imagens fotográficas de diversos trabalhos desse artista gigantesco (fig.1), com seu nome em destaque, para que nunca sejam esquecidos os seus feitos. Esse é um artista que me emociona desde 2014, mas que hoje alcançou o Brasil todo. Ao protagonista do musical e da minha vida, meu amigo, meu afrofuturismo vivo, todas as homenagens do mundo. Faço suas as minhas palavras: que a gente possa “Djavanear tudo que há de bom”.

Figura 1 - Colagem com várias imagens do Rapha



Fonte: arquivo da autora

Outra pessoa que foi muito importante como referência artística foi, meu professor, Chico Chocalho. A gente se conheceu em um ensaio no Leviano, onde fui acompanhar uns amigos que já tocavam no bloco, Nosso Bloco e no Picada de Primeira. Crescida no subúrbio carioca. Meu sempre foi tocar com um bloco de carnaval. O sonho foi deixado para atras, restando apenas acompanhar desfiles. O Chico estava no ensaio como mestre de bateria e mesmo com a demanda dos alunos na aula, ele se preocupou com a minha participação. O mestre, empático, com vestes coloridas, com seu black, empoderando e potencializando pessoas.

Maestro, mestre, dedicado, afetuoso, disposto, acolhedor e por fim, hoje, meu amigo. Com tamanha honraria pude conhecer sua história, que é forte e potente, sobre um menino que morava em barraco, pobre, e que encontrou na música o jeito de viver e sobreviver.

Hoje, administra diversos blocos como 8 & 80, Carrossel de Emoções, Nosso Bloco, entre outros, fazendo música, salvando pessoas da depressão, ensinando e acolhendo.

A minha primeira apresentação foi no Bafo da Prainha, na nossa pequena África, em frente à estátua da Mercedes Baptista, um lugar repleto de significados, carregado de

ancestralidade, de encontros e reencontros com quem somos, de onde viemos e para onde queremos ir. A energia, o samba, a potência, história, força que preenchem aquele lugar, me fez refletir o quão é importante, uma pessoa como Chico, ocupar aquele espaço, como maestro e mestre.

O sentimento sobre esse dia é tão forte na minha memória, que, sinto a vibração das pessoas cantando de forma alegre e emocionadas por entregar um carnaval tão bonito, realizando o sonho e potencializando os do Chico. Acompanha-lo pós carnaval, no dia a dia, me fez entender o potencial da sua figura, para as novas gerações, impulsionando a arte e dando visibilidade a nossa raiz, estimulando novos Chicos, Rapha, e tantas outras personalidades que contribuem para nossa cultura. Ambos são exemplos de pessoas-artistas contemporâneos afrofuturistas, que enxergam novos horizontes, mudam suas realidades e constroem novos futuros.

Figura 2 - Colagem com imagem de Chico Chocalho



Fonte: arquivo da autora

Dito isto, explicou que este texto fala de experiências pessoais, aulas e visitas que foram mais significativas no meu processo de reencontro com meu propósito na educação, este que foi traçado em 2010, quando ingressei no curso de licenciatura em educação artística, com habilitação em Artes Visuais, na UFRJ. Passados 14 anos, ingresso na pós-graduação no Colégio Pedro II, o mesmo lugar onde encontrei minhas primeiras

referências como docente. A experiência de voltar à escola onde estudei a minha vida inteira me fez entender e resgatar de onde vinha minha paixão pela educação e principalmente o amor e sensibilidade pelas artes.

2 APROPRIAÇÕES ESTÉTICAS

Esse reencontro de emoções na pós-graduação, me fez resgatar memórias e refletir sobre meu papel como professora da baixada e da rede pública, onde temos diversos problemas de informação, defasagem de conteúdo e falta de material. Como fazer com que a arte seja acessível para crianças periféricas? Como pode se tornar interessante uma disciplina que exalta as obras em sua maioria produzidas por europeus? Como eu faço uma criança se identificar? Como ela se torna pertencente?

Diante dessas perguntas que pairam a educação de forma milenar, no decorrer das aulas, professores me apresentaram, artistas e pessoas que me fizeram entender como chegar nas respostas que pairam a educação, mas sobretudo a minha docência e meu papel como educadora. Foram muitas idas a exposições que valorizavam artistas negros, trans, travestis, periféricos, mas o primeiro destaque foi com a exposição intitulada Brasis, que visitamos no início do curso. Visitando essa exposição lembrei de algumas aulas que já havia ministrado em sala e percebi algumas semelhanças com as aulas sobre história do carnaval, Bispo do Rosário, Rosana Paulino, entre tantos, o samba, o rap. Algumas aulas, se destacam nesse processo, como a aula sobre AmarElo do Emicida, ou análise das letras de poesia acústica, um coletivo de novos artistas do rap, que se reúnem criando um som novo, que além do rap, mistura diversos gêneros musicais, referenciando períodos artísticos, cinema, entre outras vertentes artísticas etc. criando conceito artístico junto com música e poesia. Assim, compreendendo que quando a referência em sala, vem do mesmo lugar que eles, gera identificação e maior interesse nas aulas de artes.

Durante a pandemia, resolvi convidar pessoas para conversar através de lives no Instagram sobre diversos assuntos como estratégia de manter os alunos engajados além das aulas online. Surgiram vários assuntos como empoderamento feminino, educação, música e Afrofuturismo, sugerido por Raphael Elias, tema que até então era desconhecido por mim. Durante a nossa troca, meus alunos e outras pessoas que estavam assistindo, mostraram um interesse genuíno, assim realizando trocas, trazendo o álbum da Beyoncé, *Black is King*, o filme *Pantera Negra*, o Emicida, que se misturavam com os dados, e artistas referenciais que o Rapha trouxera.

O Afrofuturismo é um movimento cultural, artístico e intelectual que articula elementos da ficção científica, da estética futurista, da cultura africana e da diáspora negra, com o objetivo de ressignificar a experiência histórica do povo negro e projetar novas possibilidades de existência no futuro, já que os filmes criados na década de 60, retratavam um futuro sem pessoas pretas

Seu surgimento vem de um contexto marcado pelo movimento dos direitos civis, pela luta contra o racismo e pela busca de novas formas de afirmação identitária da população afro-americana.

A expressão “afrofuturismo” só foi consolidada na década de 1990 pelo crítico cultural Mark Dery, ainda que já houvesse manifestações artísticas, literárias e musicais. Um dos pioneiros desse movimento foi o músico e artista Sun Ra que, a partir do jazz experimental, desenvolveu uma obra profundamente ligada a referências cósmicas e mitológicas africanas. Utilizando performances teatrais, figurinos futuristas e discursos filosóficos para propor uma nova consciência negra que transcendesse os limites impostos pela opressão social e histórica. Sua obra não apenas questionava o passado marcado pela escravidão e pelo racismo, mas também abria caminhos para imaginar futuros nos quais a população negra seria protagonista de sua própria narrativa, tal como o filme *Pantera Negra* apresenta.

O afrofuturismo desenvolve a reconstrução simbólica do passado por meio da valorização das raízes africanas, a reinterpretação do presente com crítica às estruturas de exclusão social, e a projeção de futuros alternativos. O movimento vem ganhando força e proporção, fortalecendo a identidade cultural negra, promovendo a representatividade em diferentes áreas do conhecimento e inspira novas gerações a imaginar futuros possíveis, nos quais a tecnologia e a ancestralidade caminham lado a lado. Hoje, sua influência se estende à literatura, ao cinema, à moda, às artes visuais e à música.

Essa junção de variedades artísticas possibilita que jovens e crianças periféricas se identifiquem com alguma temática abordada pelo movimento ou algum artista, sendo a oportunidade perfeita para que o aluno construa sua estética, arte, pensamento crítico e formando sua identidade.

Conseguir se identificar, criar e recriar poéticas é complicado já que grande parte do currículo escolar ainda são voltados aos assuntos eurocêntricos, para um universo muito distante, dessas crianças/ jovens. Ainda que a Lei nº 10.639/2003, tenha sido sancionada no Brasil, tornando obrigatória a inclusão da História e Cultura Afro-Brasileira no currículo oficial da educação básica, grande parte das escolas se limitam em

celebrar apenas as datas comemorativas, como o Dia da Consciência Negra, não havendo um trabalho contínuo e profundado ao longo do ano letivo dificultando a integração e entendimento do aluno. A legislação estabelece que os conteúdos devem contemplar o estudo da participação do povo negro na formação da sociedade brasileira, abordando suas contribuições nas áreas social, econômica, política e cultural, com especial atenção para a valorização da arte, da literatura e das tradições afro-brasileira. Diante das discussões e reformulações sobre currículo de arte é importante dar destaque a estética periférica, através de suas roupas, cabelos, e do próprio corpo preto, para que possa ter destaque e protagonismo, criando novas narrativas, onde recria-se um passado, para transformar o presente e assim projetar um novo futuro através da ótica negra. Além disso, a ausência de materiais didáticos específicos, capacitação de professores e, sobretudo, reconhecimento da relevância desses saberes dentro da grade curricular. Essa falta revela a distância entre o que a legislação prevê e a dificuldade da realidade escolar.

Em setembro, fizemos uma saída de campo para a “Pequena África” e depois seguimos para a exposição “Funk: Um grito de ousadia e liberdade” no Museu de Arte do Rio. A exposição traz a reflexão de como é importante ter espaços ocupados pela população negra e periférica. Ainda que hoje haja muitas discussões sobre racismo e inclusão social, falta a representatividade em diversos meios de comunicação, o que nos traz questionamentos: onde estão os artistas negros? Por que não estão ocupando esses espaços?

Esses questionamentos me remeteram as ideias que geraram o movimento do Afrofuturismo nos anos 1960 e foi consolidado apenas em 1994, quando ganhou este nome, mas que já se manifestava em diversas produções artísticas, como música e moda, através de inovações tecnológicas e em produções independentes de artistas negros.

Como síntese, é possível afirmar que o que é denominado de Afrofuturismo, é que ele foi e segue sendo, um movimento cultural, artístico e político que surgiu no final do século XX e busca reimaginar a experiência negra através da arte, da ficção científica, da tecnologia e da ancestralidade africana. Ele combina elementos do passado, presente e futuro para criar narrativas que desafiem a exclusão histórica das pessoas negras das visões de futuro e inovação. O termo surgiu inicialmente em uma entrevista ao escritor Mark Dery intitulada *Black to the future*, para a Duke University. Naquele momento, Dery pensou o afrofuturismo como uma nova ‘significação afro-americana que se apropria de imagens da tecnologia e de um futuro prosteticamente aperfeiçoado’ (DERY, 2020, p.16). A partir disso pensadores como Fábio Kabral, vem produzindo obras nessa

perspectiva e afirma que o afrofuturismo na contemporaneidade são ‘obras de ficção especulativa que possuem protagonismo negro, que tratam de temática negra e são criadas a partir da ótica negra’ (KABRAL, 2023, np).

Fábio Kabral é um escritor, roteirista e pesquisador brasileiro, conhecido por sua atuação na literatura e em projetos audiovisuais que abordam temas ligados à cultura negra e ao afrofuturismo. Ele é um dos principais nomes do movimento afrofuturista no Brasil, que busca reimaginar o futuro a partir de uma perspectiva negra, explorando a interseção entre ciência, tecnologia, ancestralidade e identidade negra.

Kabral é autor de obras que misturam ficção científica com elementos da cultura africana e afro-brasileira, criando universos paralelos onde as questões raciais, a resistência e o empoderamento negro estão no centro das narrativas. Seu trabalho no afrofuturismo é uma forma de descolonizar o imaginário e criar alternativas para a representação da população negra em um futuro mais inclusivo e transformador.

Ele também contribui com a reflexão sobre o afrofuturismo no Brasil, destacando como essa vertente.

A partir do engajamento dos meus alunos na live que fiz em 2020, o resultado das práticas artísticas e as discussões que emergiram, surgiu em mim a vontade de criar um caderno de artista que representasse meu encantamento sobre o afrofuturismo e sua importância para os alunos periféricos, além de homenagear e representar minhas apreciações e apropriações estéticas durante o curso de pós-graduação. Pensando o caderno de artista como ‘espaço de criatividade e de liberdade artística’ (SASAKI, 2023, p.15).

Pensando na estética e nos ideais desse movimento, pensei que a melhor técnica para produzir meu caderno seria a colagem. Ela faz com que você possa usar diversos materiais, criando texturas a partir de imagens antigas e esquecidas. A colagem “seria a justaposição e colagem de imagens não originalmente próximas, obtidas através da seleção e picagem de imagens encontradas, ao acaso, em diversas fontes” (COHEN, 1989, p.60). Trata-se de uma técnica que possibilita recortar, criar, reinventar, compilar, fragmentar, reproduzir, acrescentar, registrar e transformar espaços.

Além disso, decidi utilizar a colagem como técnica criativa, por sempre me identificar com registros através da fotografia. Meu pai foi fotógrafo amador por anos, reunia nos armários diversos álbuns, com os acontecimentos e festejos familiares, além de fotos de bichos, paisagens, plantas e flores. Com passar do tempo adorava juntar essas fotografias e juntar com meus desenhos, além dos recortes de revistas, jornais, papéis

coloridos. A colagem, mesmo que de forma despreziosa, sempre fez parte da minha essência artística, onde queria juntar fotografias de diversas épocas, materiais e técnicas em um único papel.

Hoje eu compreendo, que a vontade de reformar as imagens do meu pai, mesclando com os encartes de jornais e imagens de revista, era minha forma de interpretar e ressignificar o meu mundo de ideias, onde era possível reunir tudo que eu gostava em um lugar só, se complementando. Fotografar, colar, recortar, desenhar, criar, pintar, usar, experimentar, escrever, fluir, carnavalizar. Essas são algumas de tantas ações que aprendi e reaprendi durante todo o processo de aulas na pós-graduação, a construção do meu processo de aluna- artista- professora, que acredita e vive a educação.

Quando tratei do assunto de afrofuturismo em sala de aula pela primeira vez, apresentei uma série de colagens com estética galáctica, futurista e fiz a proposta de produção prática para os alunos criarem uma colagem com artistas negros, que eles admiravam, se inspiravam. A ideia era que o aluno interferisse na imagem com essa estética intergaláctica, levando-os a um novo lugar no futuro, onde esses artistas fossem reconhecidos e referências além dos nichos que eles trabalham ou se destaquem, e que em um futuro, não tão distante, qualquer criança preta/ periférica se sintam parte e capazes de ser uma referência, e ocupar qualquer lugar que ela almeja.

Inclui também como referência e inspiração para colagem, alguns artistas, entre eles, Domitila de Paulo, artista negra, que foi design de modas e passou a fazer colagens para entender sua identidade afro-brasileira, questionando até que ponto a sua imagem estava representada nas peças que criava para grandes marcas importantes. Assim, ela passou a buscar e produzir, trazendo nessas novas composições, se conectar com suas raízes, a arte e sua história.

As telas que conectam mulheres, naturezas e universo (fig.4). Artista ganhou notoriedade, ganhando espaços e assim, a chance de produzir a capa do disco, “Goela abaixo” de Liniker e os Caramelows (fig.5), outra artista preta, mulher trans, extremamente importante e referencial para essa ocupação desses espaços.



Figura 3: Álbum, Goela abaixo, Liniker e os Caramelows. Artista: Domitila de Paulo



Figura 4: Colagem série Deusas no Orun . Artista: Domitila de Paula

Outro artista interessante é o artista Matheus Dias, conhecido como M Dias Preto, que trabalha como as multilinguagens que a colagem permite, abordando assuntos que foram esquecidos ao longo do tempo e tentam apagar a qualquer custo, assuntos que lhe machucaram na sua infância e até dias atuais. Através da busca de ressignificar, e se curar dos seus assombros, passou a reformular as imagens do álbum de família, criando e recriando sua imagem. As artes foram expostas na exposição *Campo de passagem: Movimento ondulatório*.

A exposição é um aglutinado de experimentações técnicas através de intervenções em fotografia, utilizando, por exemplo, strass adesivo, restauração e colorização digital de fotografia de arquivo, recorte de fragmentos de imagens, ilustração digital e processo de queima e costura sobre fotografia. E são justamente a partir desses processos que se constrói o foco sobre o real e o imaginário. O artista acredita que “Por meio do álbum de família, faço uma reconstrução fictícia de memórias de um corpo dissidente, revelando um processo de registro histórico e biográfico em oposição ao apagamento colonial que fora imposto à população afro, indígena e LGBTQIA+”, destaca M. Dias Preto, que

também reforça que, ao intervir nas fotografias, é possível intervir em sua própria vida. Expondo seus processos de cura, também encoraja outros corpos dissidentes a buscarem se reconhecerem em suas próprias histórias. “O apagamento histórico sobre corpos afro, indígenas e LGBTQIA+ reverbera até os dias atuais através do pouco acesso a imagens fotográficas das suas ancestrais. Isso implica na falta de reconhecimento e representação imagética das dessas origens, deixando em branco o espaço que é tomado pela cultura da LGBTQfobia e do racismo. E é justamente esse espaço que queremos ocupar”.



Figura 5: Formatura em Biparia, 2020 M. Dias Preto



Figura 6 : Encantada, 2020, M Dias Preto.

3 APRECIANDO O CAMINHO E O CAMINHAR

Os registros dessa jornada me fazem entender a importância de cada aula, professor e lugar como forte influência na escolha do tema para estudo e realização da pós.

O caderno veio como uma grande validação de cada passo dado, aprendido e compreendido com as disciplinas, que muitas vezes, foram vividas como algo totalmente novo, como se eu estivesse entrando em novos universos, que não apareciam nos livros didáticos de arte durante os 11 anos em que lecionei.

A importância de falar sobre nossa história, valorizar nossas raízes e nos encontrar com nossas origens nos faz viver um processo interno de entender a importância de exaltar artistas que, muitas vezes, não foram considerados artistas por serem artesãos, negros, indígenas ou por não possuírem um saber acadêmico ou formação para realizar suas produções.

O primeiro encontro com esse resgate foi a visita ao museu do artesanato, onde eu pude ver e entender a riqueza da variação dos materiais e como é possível produzir artefatos, peças e trabalhos ricos em detalhes, com materiais simples, descartáveis e que muitas vezes não são bem aproveitados. Assim, associei essa temática à realidade das escolas públicas, onde há falta de investimentos em material, estrutura e muitas vezes, difícil acesso.

A grande maioria dos alunos também não podem comprar. Diante da realidade atual da escola pública, o material “descartável” pode e deve ser explorado, saindo da condição de lixo, podendo entregar um trabalho minucioso, delicado e grandioso, sendo uma ótima solução, como referências para serem tratadas e trabalhadas em sala de aula.

Figura 7- Colagem sobre o museu do Artesanato



Fonte: arquivo da autora

Pensando nessa visita, quis fazer um registro sobre cada canto desse museu Casa, acolhedor e com obras impressionantes, elaborando uma colagem com as imagens que fotografei ao longo dessa aula (fig.7).

Selecionei imagens que mais me chamaram atenção, como a fachada do museu toda de tijolos coloridos, juntos, parecendo uma colcha de retalhos, como víamos na casa de vó, trazendo acolhimento e aconchego. A decoração nos cantos feita de potes de tinta, descendo pela quina, como uma planta, leve, solta, trazendo a delicadeza necessária. E por fim O cristo de restos de azulejos, a figura que nos remete ao ponto turístico, identificação em uma releitura acessível e mais humanizada.

Ainda incluí recortes de alguns encartes de exposições que foram distribuídas, com imagens de outras obras, enfatizando às palavras liberdade e criatividade, já que, no ensino público, ambas são muito fortes, uma vez que temos liberdade para criar as nossas aulas, mas nos falta recursos e por isso temos que exercer a criatividade. E finalizei com os pássaros de um outro trabalho que estava sendo exposto em uma sala mais isolada, onde também tivemos oportunidade de conversar com Cocco Barçante, curador do Museu. Os pássaros também são representante da liberdade, do alcance as distancias, que me fez refletir sobre o quanto almejamos os voos dos nossos alunos para um futuro brilhante.

A visita à exposição da dona Isabel, resgatou várias memórias afetivas dentro de mim, que fui criada e cercada de avós. Além de me despertar que são os nossos familiares que criam e nos fazem sentir alguns interesses e desenvolver habilidades, seja para as artes, culinária, leitura de livros, gostos por música, teatro, entre outros. Dona Isabel é uma ceramista de grande renome no Vale do Jequitinhonha, região de Minas Gerais, onde sua habilidade na arte da cerâmica se destaca como um símbolo da resistência e da valorização da cultura local. Ao longo de sua trajetória, ela contribuiu significativamente para a preservação e o fortalecimento da tradição ceramista, transmitindo seus conhecimentos às novas gerações e garantindo que essa arte ancestral continue viva e relevante.

Seu trabalho é marcado pela produção de peças utilitárias e decorativas, com um estilo único que mistura a tradição africana com influências da cultura local. Dona Isabel não apenas cria cerâmica de alta qualidade, mas também trabalha ativamente para empoderar a comunidade, especialmente as mulheres da região. Ela ensina a arte da cerâmica, promovendo a geração de renda e o resgate da autoestima local. Além disso, é uma defensora do cooperativismo, incentivando a união de artesãos para melhorar as condições de trabalho e expandir as oportunidades de mercado.

Além da artista, o fato de dona Isabel ter ensinado a cada neto, ser querida em sua comunidade e deixar um legado me levou para casa da minha avó, que não fazia nenhum tipo de artesanato, mas reunia as pessoas, como os netos, filhos, vizinhos por meio da culinária afetiva. A forma dela cozinhar para reunir pessoas, foi um marco que perpetuo na família até os dias de hoje. Ainda que falecida, até hoje quando nos encontramos, tomamos um café preto acompanhado por pão de queijo, esse pão de queijo com uma receita feita por ela, que eu jamais comi igual, mesmo os filhos e os netos, reproduzindo tão bem, quase perfeitamente.

Esse movimento gerou tema de uma parte do trabalho, na disciplina do professor Alexandre, sobre nossos percursos. Como falar da minha história, e não lembrar da avó com jeito de vó? Assim surgiu “Toda avó tem sua receita” (Fig.8). Nessa imagem, eu quis fazer uma colagem da dona Izabel produzindo sua arte e uma da minha avó abraçada comigo, incluindo a receita do pão de queijo que ela fazia para a família e foi ensinando aos filhos, que passaram para os netos, assim como dona Izabel fez com seus filhos, netos, amigos e a comunidade.

A ideia era juntar essas duas avós em uma imagem só, sendo a receita um resultado desse trabalho manual e eu que perpetuarei seus ensinamentos.

Figura 8- Colagem: Toda avó tem sua receita.

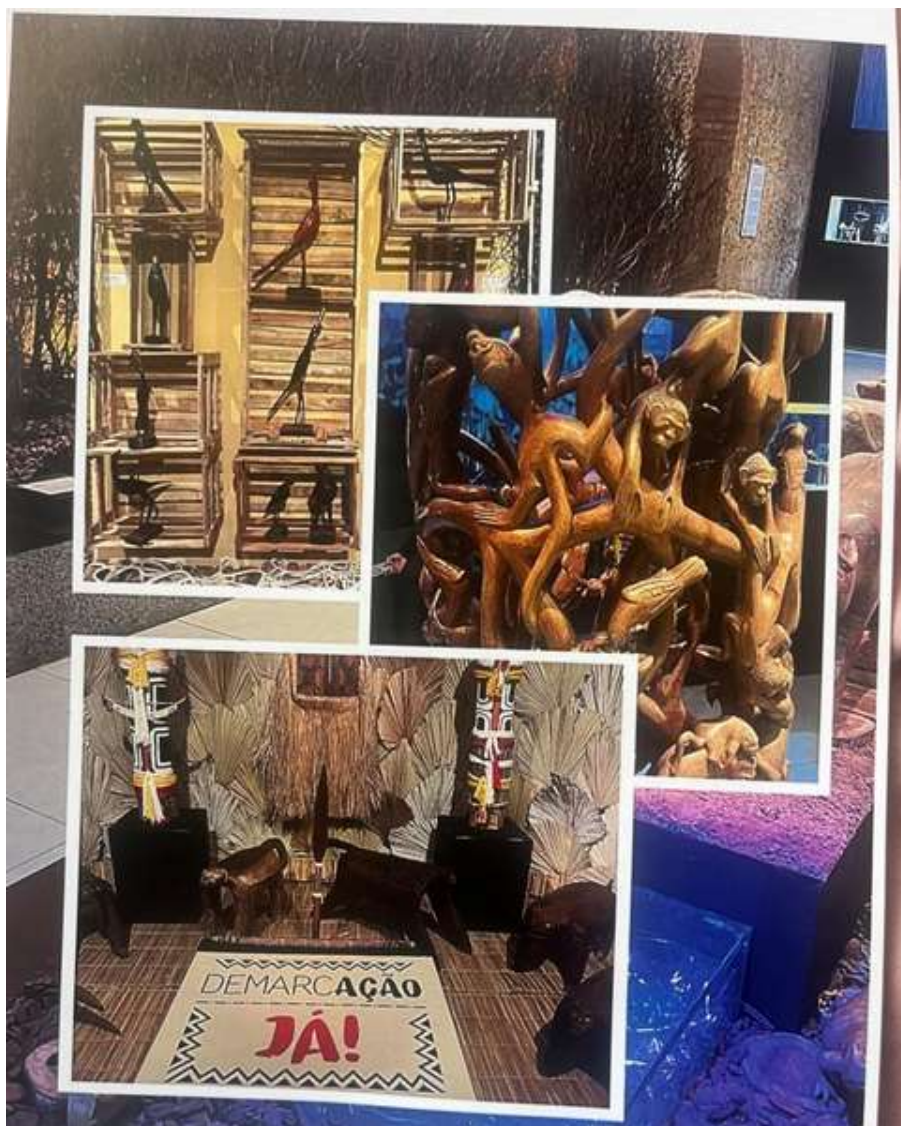


Fonte: arquivo da autora

A visita ao Museu Janete Costa em Niterói onde vimos a exposição “O Bicho tá pegando!”, a qual debate a crise ambiental, o que nos leva a refletir sobre as questões climáticas do Brasil e do mundo. Trata-se de uma exposição extremamente didática e atrativa para todos, mas principalmente para crianças, o que é fundamental, já que são elas as grandes responsáveis em mudar o mundo e desenvolver uma consciência ambiental, e entender a gravidade do que estamos vivendo atualmente. A exposição nos fez pensar no quanto é importante falar sobre meio ambiente, sobre uso de recursos naturais, matéria prima, sobre o não desperdício de material reciclável, e a valorização dos indígenas, nossos ancestrais, que trabalham de forma minuciosa com os materiais naturais, desde os mitos e lendas até o desenvolvimento em recurso artístico. A relação de respeito, cuidado e preservação a natureza, intensifica a necessidade de aprendermos,

partilharmos, valorizarmos e dar espaços para aqueles que são nossas raízes, nossos ancestrais.

Figura 5- Colagem sobre a Visita da exposição O Bicho ta pegando, Museu Janete Costa.



Fonte: arquivo da autora

A escolha de imagens para fazer a colagem sobre a visita foi complexa, pois todos os trabalhos expostos me emocionaram de alguma forma, pois íamos da valorização da nossa fauna e flora, até as queimadas, e desmatamentos. A imagem (Fig. 5) foi formada por algumas obras, e a primeira escolha, foi da entrada da exposição como fundo, pois eram impressionantes as onças buscando água e depois os acervos dos animais feitos de madeira, que também fugiam dessas queimadas, apontando a dualidade dos animais tão fortes e resistentes, sem conseguir resistir. E por fim, o pedido de demarcação já, que é

um assunto que deveria ser debatido todos os dias, não só por ativistas e políticos, mas em todos os espaços e jamais esquecido.

A visita à exposição “Brasis”, em Petrópolis, fez com que eu me deparasse com diversas obras que fizeram eu me enxergar, como mulher, artista, nas minhas crenças, gostos, criação e tudo que me forma como pessoas. Elas me fizeram refletir sobre a força e importância do movimento preto e periférico existente, e silenciado no Brasil. Ter a oportunidade de ver uma seleção de artistas, alguns totalmente anônimos, que fizeram e fazem da arte, um espaço de luta, resistência, valorização a sua ancestralidade, e identidade foi emocionante.

O impacto começa na abertura da exposição, com a bandeira da Estação Primeira de Mangueira, escola de samba tradicional do Rio de Janeiro da qual eu sou grande torcedora e apaixonada, seguidora, acompanhante e maior defensora. Minha relação com a Mangueira vem desde a infância, um amor que foi passado de geração em geração, de virar noite assistindo desfile e de cantar a plenos pulmões a exaltação a Verde e Rosa nos blocos pelas ruas do Rio de Janeiro. Na porta, as cores verde e rosa, e seguida do sambaredo “História para ninar gente grande”, campeão no ano de 2019, samba esse, que descreve perfeitamente toda proposta da pós sobre decolonização do ensino, sobre nossos verdadeiros heróis e sobre o que eu quero levar para minha sala de aula. Impossível não se emocionar.

Entrar em uma exposição e encontrar o carnaval no museu, um espaço formal, erudito, intelecto, distante e burguês, agora ocupado com samba, periferia, com a minha escola, Estação Primeira, com a negritude que faz ela acontecer. Olhar e recordar daquele samba na avenida, que foi tão impactante na letra e extremamente satisfatório, uma lavagem na alma e um eterno pedido de desculpas a quem lutou e fez nossa história real. O carnaval é algo tão genuíno, natural, da rua, do povo, que superou uma história de marginalização, para agora estar ali sendo visto, e referenciado e resistindo.

O samba nos faz entender fora da ótica europeia imposta todos esses anos

*“Brasil, meu denço
A Mangueira chegou
Com versos que o livro apagou
Desde 1500 tem mais invasão do que descobrimento
Tem sangue retinto pisado
Atrás do herói emoldurado
Mulheres, tamoios, mulatos
Eu quero um país que não está no retrato”*

Ao sair desse primeiro contato, com referências tão especiais, segui caminhando pela exposição e encontrei algumas obras sobre a religião de matriz africana que apresentavam a desmistificação de que a religião é algo ruim, demoníaco, feio, e todos os absurdos que escondem uma opinião preconceituosa. As obras mostram, de forma sutil, a força e o impacto de quanto é bonita a religião, suas marcas, sua resistência e sua história. Como ela é importante e como ela faz parte do todo, da nossa raiz, e do no censo. O quanto ela nos impacta.

Por último, havia as obras feitas por artistas trans, com frases de resistência e reflexão, tornando-as impactantes. Pensamos sobre cada um desses artistas que existem e estão sendo apagado no mundo por sua forma e aparência. As pessoas não fazem mais questão de serem educadas, gentis e empáticas.

Por isso, a criação da imagem a seguir (Fig. 6), que eu chamo de “O Brasil é preto”. Por mais resistente que ainda seja a aceitação de que somos formados mais pela cultura negra e indígena do que europeia, é importante ressaltar como essas imagens, artistas, figuras populares, o samba e a religião fazem parte de nós. Então, escolhi as imagens que prenderam minha atenção e me fizeram querer reunir tudo que eu tento validar em sala para que haja um novo olhar e reflexão do papel da arte, como nas obras de artistas trans, com questionamento “se a arte fosse travesti” da artista Rosa Luz.

Figura 6 - Colagem sobre Brasis : Brasil é preto



Fonte: arquivo da autora

Além disso, há a figura de um homem preto com as ervas que curam e que nos trazem a esse lugar da infância, da sabedoria ancestral da cura, dos chás e receitas para resolver qualquer doença. O pavilhão da minha escola de samba, que é parte da minha identidade, que eu cresci ouvindo, torcendo, buscando, cuja cultura de ver e viver o carnaval de rua, da escuta do samba, das escolhas e disputas foi passada pela família; uma obra referente ao bispo do Rosário, que foi fundamental para processo de entendimento da decolonização do pensamento eurocêntrico, escrevendo e tecendo seus símbolos em seu manto; uma imagem referente a Xangô, que é o orixá da justiça e meu pai de cabeça, sendo uma forma de homenageá-lo pois foi uma grande revelação que eu vivi quando fiz meu primeiro jogo de búzios, com minha mãe de santo, emocionando-me bastante, já que demorei anos para me encontrar na umbanda/candomblé. Esse mix de imagens e recortes nos torna brasileiros, forma nossa identidade, o que nós somos, de onde viemos e para onde queremos ir e o que levar conosco. Isso nos faz pensar no nosso legado.

Seguindo esse caminho, eu já comecei a flertar com a ideia de fazer um trabalho que falasse sobre a importância da arte periférica. A princípio, minha ideia era trazer todos os artistas da rua que vieram da periferia e produziram as mais diversas linguagens artísticas ao longo dos anos e que nós consumimos às vezes sem ter a noção da carga histórica e emocional que aquela obra traz, seja de protesto, luta ou dor.

Figura 7 - Colagem Etnogeneses: Zé do carçoço



Fonte: arquivo da autora

A exposição EtnoGeneses, que visitamos no MAC (Niterói), tem a curadoria do cantor Emicida, um artista múltiplo, que eu já trabalhava em sala de aula para trabalhar com adolescentes, pois em seu último álbum, AmarElo, ele abordou de forma reflexiva os contextos que a população negra foi inserida, reparação histórica e um novo lugar para arte de artistas pretos, gerando diversos questionamentos, principalmente o protagonismo, casando com a exposição, que trazia artistas pretos e periféricos. A exposição Marcelino Melo, artista que apresenta essa questão de espaço, lugar, da exposição desses corpos que habitam esses territórios, trabalham para que sejam libertos das narrativas pré existentes, como corpos marginais, para que se criem novas narrativas sobre esses. Para produzir um registro da visita, criei a imagem a seguir (fig.7), a qual apresenta algumas imagens que mexeram comigo e entram na minha proposta de pesquisa, me impactando não só visualmente, mas pela à força da luta que o artista trazia.

Enquanto eu fui passando pelas imagens e seus nomes, a obra que se intitula, o “Zé do caroço” ecoou na minha cabeça, lembrando a vibração, potência e força que ele é cantado em cada roda de samba espalhada pelo Rio de Janeiro. O que me levou a história de Leci Brandão, e quem ela se inspirou para escrever o samba, faz ainda mais sentido com a combinação das imagens reproduzidas por Quebradilha em fotografia.

O samba "Zé do Caroço", foi composto e popularizado em 1985, inspirado em José Mendes da Silva, um líder comunitário real do Morro do Pau da Bandeira, em Vila Isabel, no Rio de Janeiro. Zé do Caroço era conhecido por utilizar um alto-falante para levar informações e fortalecer sua comunidade, atuando como uma espécie de "rádio de chão" antes mesmo de a internet e as redes sociais existirem, conseguindo assim levar informações como avisos de vacinação, alertas de tempestade e eventos locais.

4 EXPERIMENTAÇÕES PARA UM FUTURO MELHOR

A disciplina Perspectivismos, poéticas do cotidiano e percursos decoloniais, ministrada pelo professor Alexandre Guimarães, nos levou à exposição “Funk: Um grito de ousadia e liberdade”, no museu de arte do Rio, o MAR. A exposição contava a história do funk não só como música, mas evidenciando sua matriz cultural urbana periférica, apresentando a comunidade, a estética, os problemas políticos, econômicos e sociais. A exposição começa apresentando o Soul, que ganhou repercussão no Brasil, influenciando a estéticas que influenciaram roupas, cabelos, sapatos e outras formas de consumo. Inicialmente com bailes charmes, depois seguimos para os bailes de favela, que até hoje

é o movimento artístico cultural mais forte nas áreas periféricas, principalmente para os cariocas.

A partir desse movimento cultural, o funk se transformou em referência de visualidade, resistência política, de movimento, fazendo com que ele se manifeste em várias práticas culturais e tenha ganhado atenção nos campos das artes visuais nos trabalhos de artistas como Gê Vianna, Maxwell Alexandre, Blecaute, entre tantos outros que estavam na exposição, ganhando a visibilidade necessária para expandir informação dessa cultura, que, muitas vezes, é silenciada e rotulada como marginalidade.

Em novembro, no CIEP que trabalho em São João de Meriti, nós professores precisávamos fazer um projeto na escola para apresentar na semana da consciência negra, e esta foi a oportunidade de levar a exposição até os alunos, já que seria inviável levá-los até o Museu de Arte no Rio. Junto com a professora de história e geografia, remontamos o espaço da exposição, com as fotos, músicas, obras e vídeos da época, para contextualizar e explicar as crianças que nosso projeto era recriar aquela exposição dentro da vivência da realidade que eles estão inseridos. Assim nasceu o projeto “Um grito do CIEP 175: Ancestralidade Africana, resistência cultural na favela, periferia e baixada”.

O trabalho foi realizado em três turmas de sétimo ano, nas quais os alunos foram divididos em grupos, e cada grupo tinha que criar algo para compor a exposição.

Um grupo ficava responsável por criar sua comunidade, a favela, que chamamos de Morrinhos, que seria composta com caixas de papelão de diversos tamanhos, formatos, cores e simbologia. Outro grupo criava um faixa com uma frase de protesto, inspirada na faixa, que ficava na entrada da exposição: “Existe vida do outro lado do túnel”; Um grupo criava pipas desenhadas, referenciando-se às brincadeiras da sua idade, e cotidiano da criança periférica, quando conseguia viver a infância; Ainda tinha o grupo que criava os cartazes para chamadas dos bailes, referenciando a música, a festa, entretenimento e a cultura local; Por fim, um último grupo fazia um estudo sobre a estética da favela, como identidade local, com os cabelos, roupas, maquiagem, sobancelha, estilo, que eram e são usadas até hoje por eles.

Ao se depararem com o tema, e a aula interdisciplinar, todas as turmas realizaram um trabalho incrível, detalhado e empenhado, resultando em uma exposição que impactou os alunos como artistas, e toda comunidade escolar: corpo docente, funcionários, os responsáveis, os alunos de outras séries. Eles empoderados, seguros, resilientes para falar sobre a realidade deles, e a mensagem que queriam deixar para todos nós.

O resultado da construção desse trabalho, com a colaboração dos alunos em estudar, se aprofundar, produzir e relatar suas vivências, nos leva a refletir sobre a arte não pode ser limitada ao passado e à cultura eurocêntrica, mas falar sobre a vida, o hoje, a forma que aconteceu, o passado e sua ancestralidade, sobre o futuro, sobre empoderamento, resistência, ajudando aquele aluno encontrar e enxergar seu papel no mundo que ele vive, e no mundo que ele quer alcançar.

A colagem mostrada na figura 8 é um compilado desses trabalhos realizados pelos alunos, com objetivo de apreciá-los como artistas e produtores que foram, e uma realização pessoal de conseguir proporcionar essa experiência a eles.

Figura 8- Colagem com trabalhos dos alunos



Fonte: arquivo da autora

O trabalho final da disciplina Relações étnico-raciais e práticas antirracista, com professor Marcelino Euzébio, era voltado para a realização de uma pesquisa sobre algum artista preto e seus trabalhos, apresentando o trabalho deles como proposta e atividade pedagógica em sala de aula.

Tentando fugir de alguns nomes óbvios e que já havíamos estudado ou visto algo em sala de aula ou exposição, encontrei o artista Felipe Borges, um artista que faz a interseção de arte, educação e afrofuturismo. Encontrei o Felipe por meio do Instagram quando buscava a hashtag #AfroFuturismo, na esperança de encontrar algumas referências acessíveis para meus alunos, e aproveitei para usar no trabalho final.

Felipe Borges, também conhecido como 3ª visão, é artista plástico, visual, grafiteiro e trabalha com ilustrações digitais. Ele desenvolve pinturas em telas e em

grandes murais, como em São Paulo, sua terra Natal, e até na Time Square. O artista produz uma arte com a temática da cultura rastafári e africana, como a etíope e egípcia, inspirando-se no AfroFuturismo, que mistura ficção científica com a cultura negra, africana e diáspora.

Além de artista, Felipe Borges também é educador, então, sua linguagem e trabalho são acessíveis ao público. Para realizar a colagem (fig.9) sobre o artista, escolhi algumas obras dele que me chamaram atenção para além da estética. A primeira imagem é sobre Cartola, um ícone da cultura preta, periférica, do samba e símbolo de luta e resistência, com a releitura clássica da foto dele tomando café, mas agora na versão grafite e usando os óculos 3ª visão, que é uma marca do artista. A obra foi para exposição “Grandes personalidades negras”, no Museu de Imagem e Som, sobre ação do Museu Afro Brasil. Cada imagem escolhida, foi selecionada por ser um trabalho importante, como na segunda imagem, que é a obra “Two Brothers”, Steve e Wanda, obra que foi apresentada na exposição “Shared History of the world” em janeiro de 2025 em Amsterdam. Seguindo, temos um autorretrato, no qual o artista está caracterizado com seus óculos e o cabelo rastafári, ambas características que ele usa como estudo e marca na realização de trabalhos. Também inseri na colagem, o trabalho que faz parte de um projeto que é a realização de um mural que aconteceu entre ArtEducadores em São Paulo, no ano de 2023. Apreciando o trabalho de Borges e o conectando a tudo que vi e vivenciei nesses meses de pós-graduação, concluo que o afro futuro já começou.

Figura 9 – Colagem com produções de Felipe Borges



Fonte: arquivo da autora

5 CONSIDERAÇÕES PARA O FUTURO

Reitero a importância do caderno de artista como um instrumento valioso na prática pedagógica, especialmente no ensino de Artes Visuais. Creio que o Afrofuturismo, ao ser integrado às discussões em sala de aula, fomenta a identificação dos alunos, valoriza a cultura negra e periférica e propõe novas narrativas que desafiam o eurocentrismo. As experiências relatadas, desde as visitas a exposições até a criação de projetos com os estudantes, demonstram a potência da arte como ferramenta de empoderamento e reflexão sobre a realidade social. O trabalho destaca que a arte, em suas diversas manifestações, é um meio para que os alunos, principalmente aqueles de contextos periféricos, possam se identificar, se expressar, construir sua identidade e registrar sua própria história inserindo a presença negra em seus cotidianos e ainda fortalecer trajetórias para um futuro mais diverso e equânime. Neste sentido, deixo um olhar sobre a contribuição do Afrofuturismo e da colagem para uma educação artística mais inclusiva, relevante e transformadora da realidade de grande parte da população, majoritariamente negra e pobre, no Brasil, que muitas vezes tem suas vidas esquecidas e silenciadas.

REFERÊNCIAS

ABC DO ABC. **Exposição "Ciência é a esperança"**. Disponível em: <https://abcdoabc.com.br/exposicao-ciencia-e-esperanca-chega-ao-metro-corinthians-itaquera/>. Acesso em: 4 dez. 2024.

BRASIL DE FATO. **Quem foi Zé do Caroco: brasileiro, crioulo, 1º grau incompleto, viveu até os 20 anos**. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/colunista/historia-publica-narrativas-negras/2022/09/23/quem-foi-ze-do-caroco-brasileiro-crioulo-1-grau-incompleto-viveu-ate-os-20-anos/>. Acesso em: 15 set. 2025.

C&AMERICLATINA. **Domitila de Paulo**. Disponível em: <https://amlatina.contemporaryand.com/pt/people/%E2%80%8Bdomitila-de-paulo/>. Acesso em: 28 fev. 2025.

CAPRICHIO. **4 artistas afrofuturistas brasileiro para conhecer e acompanhar**. Disponível em: <https://capricho.abril.com.br/comportamento/artistas-afrofuturistas-brasileiros-para-conhecer-e-acompanhar#:~:text=3.,como%20a%20et%C3%ADope%20e%20eg%C3%ADpcia..> Acesso em: 18 set. 2024.

COHEN, Renato. **Performance como linguagem: criação de um tempo-espaço de experimentação**. São Paulo: Perspectiva, 1989.

DERY, Mark. "Black to the future: interviews with Samuel R. Delany, Greg Tate and Tricia Rose". *Flame wars. The discourse of cyberculture*. Durham and London: Duke University Press, 1994

DERY, Mark. **De volta para o Afruturo: entrevistas com Samuel Delany, Greg Tate e Tricia Rose**. In: AMORIM, Tomaz (Org.). *Ponto&Virgula* : São Paulo, 2020.

KABRAL, Fábio. **Reavendo a importância do Afrofuturismo em 2023**. Fábio Kabral Word Press, 14 de nov. de 2023. Disponível em: < <https://fabiokabral.wordpress.com/2022/11/14/reavendo-a-importancia-do-afrofuturismo-em-2023/> > Acesso em: 20 jul. 2025

MARIE CLAIRE. **Afrofuturismo**. Disponível em: <https://revistamarieclaire.globo.com/Comportamento/noticia/2019/11/afrofuturismo-conheca-historia-do-movimento.html>. Acesso em: 4 dez. 2024.

PORTAL TERRA DA LUZ. **Exposição de M. Dias Preto destaca as belezas e as feridas de corpos dissidentes ao longo do tempo.** Disponível em:

<https://portalterradaluz.com.br/noticias/cultura-exposicao-de-m-dias-preto-destaca-as-belezas-e-as-feridas-de-corpos-dissidentes-ao-longo-do-tempo/>. Acesso em: 28 fev. 2025.

REVISTA HUMANOS. **O AFROFUTURISMO NO BRASIL CONTEMPORÂNEO: EXPLORANDO NOVAS NARRATIVAS.** Disponível em:

<https://revistahumanos.com.br/upload/o-afrofuturismo-no-brasil-contemporaneo-explorando-novas-narrativas/>. Acesso em: 18 set. 2024.

SASAKI, Nair R. **Caderno de artista como obra.** 2023. 129 f. Tese (Pós-graduação em Artes Visuais) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2023.